

**A retórica do ecoturismo em municípios da Chapada Diamantina:  
um olhar sobre Iraquara e Lençóis**

DOI: 10.2436/20.8070.01.162

**Paulo Roberto Baqueiro Brandão**

Doutor em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (Brasil).

Professor Adjunto, Universidade Federal do Oeste da Bahia (Brasil).

E-mail: [paulo.baqueiro@ufob.edu.br](mailto:paulo.baqueiro@ufob.edu.br)

**Resumo**

Nas últimas décadas, o turismo se converteu em um dos mais importantes vetores de incremento econômico para alguns dos municípios que compõem a Chapada Diamantina, na Bahia. Graças à convergência de fatores físicoambientais e históricos que resultam em paisagens de rara beleza cênica, mas também à criação de uma retórica que denota uma pretensa harmonia entre meio ambiente, cultura e turismo, essa região é uma das mais visitadas do país por praticantes de ecoturismo. No entanto, é preciso considerar até que ponto as práticas turísticas observadas podem ostentar o prefixo “eco”, levando-se em conta alguns aspectos que destoam, ao menos em teoria, dos princípios ecoturísticos. Neste sentido, o que se pretende por meio deste ensaio é compreender, ainda que parcialmente, quão fidedigna é a construção de um discurso ecoturístico frente às práticas de turismo realizadas em municípios turísticos da Chapada Diamantina, enfatizando os casos de Lençóis e Iraquara.

**Palavras-chave:** Ecoturismo. Retórica. Desenvolvimento. Chapada Diamantina (Bahia, Brasil).

**1 INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, o turismo se converteu em um dos mais importantes vetores de incremento econômico para alguns dos municípios que compõem a Chapada Diamantina, na Bahia. Isso é fruto, em grande parte, da convergência de fatores naturais e históricos que contribuem para a existência de paisagens de relevante beleza cênica, mas também pela atuação do Estado brasileiro, nas suas diferentes esferas, e à iniciativa de agentes econômicos locais e extra-locais na implantação de toda uma estrutura para deslocamento e recepção de visitantes.

Aliado a isso, promoveu-se, ao longo deste período e por meio de aliança entre o Estado e os ditos agentes econômicos, a construção – muito bem-sucedida, diga-se – de uma retórica que acabou por transformar a Chapada Diamantina em um dos mais importantes *locus* de visitação, na escala nacional, para aqueles interessados no universo de práticas ligadas ao que se convencionou chamar de ecoturismo.

Em visita recente à região, este autor pôde constatar o sucesso dessa empreitada capitaneada pelos agentes anteriormente mencionados, dada a verificação perfunctória do elevado número de visitantes presentes em alguns dos atrativos turísticos localizados nos municípios de Lençóis e Iraquara, o que permite inferir que, no que tange ao aspecto econômico do turismo, trata-se de uma atividade de incontestável relevância, já que envolve pagamentos de taxas de acesso aos atrativos, contratação de guias, transportadoras, aluguel de equipamentos para esportes de aventura, aquisição de souvenir, além de hospedagem e alimentação dos visitantes, entre outras formas de trocas.

No entanto, é preciso considerar até que ponto as práticas turísticas observadas podem ostentar o prefixo “eco”, levando-se em conta, por um lado, a permissão pouco (ou nada) controlada de acesso aos atrativos e, por outra parte, às formas de apropriação desses espaços pelos turistas (ainda que sob certa vigilância dos guias) e por protagonistas de pequenas iniciativas privadas, o que suscita questionamentos sobre a relação entre a retórica da Chapada Diamantina como “paraíso do ecoturismo” e a efetivação dessas práticas turísticas.

Neste sentido, o que se pretende por meio deste ensaio é lançar luzes sobre o tema aventado, empregando, para tanto, uma abordagem de confrontação entre as observações realizadas no transcurso das visitas, aqui materializadas em imagens fotográficas, e os elementos teórico-conceituais que norteiam o debate sobre ecoturismo, buscando, assim, uma síntese que permita compreender, ainda que parcialmente, o quão fidedigna é a construção de um discurso ecoturístico frente às práticas de turismo realizadas na Chapada Diamantina.

## 2 TURISMO, ECOTURISMO E SUAS RETÓRICAS

O turismo, conforme o conhecemos atualmente, é uma prática circunscrita ao universo de formas de reprodução social e econômica criadas sob os desígnios do modo de produção capitalista. Segundo Brandão (2014, p. 17), ao considerar as implicações dessa prática na geografia dos destinos turísticos,

O espaço passa a ser considerado como um elemento de mercado, graças ao valor diferencial que o Estado, os agentes econômicos e a sociedade lhe atribuem, além das transformações relativas aos usos dos territórios dominados pelo turismo, com a incorporação de novos sistemas de objetos e ações altamente tecnicizados que buscam subordinar e/ou subverter os estilos de vida e as demais atividades desenvolvidas em localidades receptoras aos ditames da prática turística.

Conforme apontado por Aoun (2001), o tempo livre é uma produção do capitalismo, que o transformou em uma demanda por lazer e turismo, para, daí, promover a criação de empreendimentos, consumo e lucro. Desta forma, o turismo foi guinado à condição de um dos setores mais dinâmicos da economia, gerador de riquezas que chegam à ordem dos trilhões de dólares anuais, em escala planetária.

Assim, sendo o turismo uma prática que envolve grande mobilização de dinheiro, há que se criar todo um “ambiente” favorável para os negócios, o que implica, entre outras estratégias, na formulação de uma retórica convincente sobre os tão propalados benefícios da prática, dos quais vale a pena mencionar dois: (a) promover inserção ou reabilitação econômica de espaços deprimidos e (b) estar pautada em princípios de preservação e valorização dos elementos físico-ambientais e socioculturais dos lugares visitados. Decorre disso, por exemplo, o exaustivo uso do – já gasto – jargão “indústria sem chaminés”, que tenta combinar, em sua concisa mensagem, ideários produtivista e preservacionista.

Dentre os chamados segmentos turísticos, o ecoturismo é, certamente, um dos que mais se apropriam de discursos – falaciosos ou não – que vinculam suas práticas à preservação ambiental e respeito às culturas dos destinos visitados. Esse foi o mote, aliás, dos primeiros adeptos de práticas que viriam a ser denominadas de ecoturísticas quando da realização de genuínas experiências de visita a espaços pouco ou ainda não apropriados pelo turismo de massa.

Os movimentos ambientalista e de contracultura, ambos com origens entre as décadas de 1960 e 1970, tiveram papel essencial na constituição embrionária do chamado ecoturismo (CASCINO, 2000). O primeiro por trazer à tona o discurso conservacionista, derivado de um certo despertar para causas ambientais provocado por publicações como “Primavera silenciosa” (CARSON, 2010 [1962]) e o relatório denominado “Os limites do crescimento” (MEADOWS *et ali*, 1978 [1972]), realizado pelo Clube de Roma. Quanto ao segundo dentre os movimentos citados, este exerceu sua contribuição por meio da exaltação aos valores libertários e hedonistas, que repercutiram, também, no gosto por viagens a destinos considerados idílicos.

Contudo, daí por diante, o que se viu foi uma contínua transformação de um estilo de turismo originalmente voluntarioso, contemplativo e em harmonia com princípios ambientalmente consequentes em uma modalidade crescentemente apropriada pelo mercado turístico, ou seja, planejamento e gestão indiferenciados, mercantilização desenfreada, agenciamentos e, lógico, muita publicidade legitimadora de uma espécie de “selo verde”, o que inclui o acréscimo de uma denominação que o descolaria das demais práticas turísticas, dando origem, pois, ao chamado ecoturismo.

Aqui, vale registrar, de passagem, que esta crítica dirigida às práticas denominadas ecoturísticas não permite desconsiderar a existência de iniciativas legítimas, convergentes com o conceito original desenvolvido por Ceballos-Lascuráin (1996), que buscam harmonizar experiências de visita a espaços de relevante interesse natural com o respeito aos limites de uso e apropriação dos elementos bióticos, abióticos e socioculturais presentes. Para além das muitas denominações que se lhes podem atribuir, tais como turismo sustentável, turismo de natureza, turismo ecológico, turismo comunitário, bem como o próprio ecoturismo, entre outros, essas práticas estimulam o desenvolvimento de iniciativas que buscam equacionar preservação ambiental, valorização de culturas tradicionais e incremento de economias localmente situadas, algo extremamente relevante e necessário.

De volta ao tema central deste escrito, vale a pena reportar que o ecoturismo, ao menos em sua versão mais difundida, ou seja, aquela apropriada maciçamente pelo mercado, é contraditório e conflitivo, na medida em que transforma a natureza em recurso economicamente valorável. Em outras palavras:

A natureza, ao mesmo tempo em que fascina por seus cenários exuberantes, é vista pelo turismo como uma mercadoria que tem valor de uso. O turismo classifica tal natureza, a aprecia pela sua identidade

passível de ser marketing e a promove no mercado. As pessoas que habitam tais lugares não vêm, contudo, que seu espaço é um atrativo no mercado turístico (ALMEIDA, 2008, p. 80).

Assim, os discursos ecoturísticos substantivam práticas que, na maioria das vezes, não realizam aquilo que prometem, ou seja, não alcançam a efetiva promoção de uma ética ambiental, de formas de visitação com reais parâmetros de preservação e tampouco conseguem proporcionar experiências interculturais genuínas entre visitantes e populações receptoras ou geração de uma dinâmica econ mica localmente situada.

### 3 A RETÓRICA DO ECOTURISMO EM MUNICÍPIOS DA CHAPADADA DIAMANTINA: UM OLHAR

273

O top nimo Chapada Diamantina não   tão recente e tem sua origem, em parte, no exercício da mineração como atividade econ mica predominante em parte da região central da Bahia entre o final do século XIX e quase todo o século XX. Com o transcurso do tempo, o termo passou a designar têm um território de identidade (antes mesmo do seu emprego para efeito de regionalização governamental) e de uma unidade de conservação, o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Além disso, as formas do relevo contribuíram na formação do dito top nimo: apesar de, a rigor, a geomorfologia regional não apresentar feições de chapadas, o termo foi popularmente consagrado, tendo sido acrescido, conforme já mencionado, de uma adjetivação que menciona a atividade econ mica hegem nica no passado. Assim, o top nimo surgiu justamente pela convergência de algumas das características físico-ambientais e histórico-econ micas que deram forma e conteúdo   região, o que é bem representativo para que se possa compreender todo o interesse pela prática turística em espaços de relevante interesse natural, bem como nas cidades e vilas históricas que configuram a Chapada Diamantina e que fazem desse destino um dos mais visitados do Brasil.

Contudo, a beleza c nica regional não foi fator único para tornar a região um centro receptor de primeira ordem no contexto turístico baiano. Desde a década de 1990, a Chapada Diamantina   parte essencial da estratégia do Estado brasileiro (nas três esferas) e de agentes econ micos do setor turístico-hoteleiro de tornar a Bahia uma das unidades federativas com maior número de visitações, o que implicou, neste caso específico, na implantação de sistemas de engenharia garantidores dos fluxos entre os centros emissores e os destinos regionais, tais como melhoria de rodovias estaduais e federais, implantação do Aeroporto Horácio de Mattos, atração de empreendimentos turísticos, hoteleiros e de eventos, criação de unidades de conservação, além de massiva propaganda dos principais atrativos da região, com foco nos aspectos físico-ambientais e histórico-culturais.

Conforme o planejado, todos esses fatores acabaram por fomentar e/ou induzir o surgimento de produtos com forte apelo ecoturístico, que envolvem caminhadas, cavalgadas e cicloturismo de longa distância, apneia/flutuação, rapel, visitas a ambientes cársticos, observação de fauna e flora, entre outras práticas. No entanto,   possível perceber claros sinais de massificação dos atrativos turísticos, dando vazão a uma contestação de toda a retórica por trás da construção de uma imagem da Chapada Diamantina como uma espécie de “paraíso do ecoturismo”, conforme se ver  a seguir.

Em recente visita a alguns dos atrativos turísticos mais ic nicos dos municípios de Lençóis (Cachoerinha, Serrano e Ribeirão do Meio) e Iraquara (Gruta da Lapa Doce

e Fazenda Pratinha), este autor pôde constatar formas de apropriação turística dos espaços e relações de trabalho que denotam severas divergências com alguns dos princípios do ecoturismo elaborados pela TIES (*The International Ecotourism Society*). As imagens que seguem ilustram os fatos observados, ao tempo em que permitem articular um debate crítico-reflexivo sobre quão fidedigna é a construção de um discurso ecoturístico frente às práticas de turismo realizadas na Chapada Diamantina.

Na Fazenda Pratinha, duas imagens ilustram uma incongruência inicial (Figura 1), observável no portal que dá acesso aos atrativos da propriedade ostentando a inscrição “Ecoturismo” e, em contrapartida, na lotação do vasto estacionamento, utilizado tanto para veículos privados quanto para ônibus de excursão.

**Figura 1 - (a) Portal e (b) estacionamento da Fazenda Pratinha (Iraquara)**



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Estas imagens denotam o caráter contraditório entre discurso e usos turísticos, ao tempo em que, por meio especificamente da Figura 1b, é possível inferir que ao menos dois princípios do ecoturismo não são observados, quais sejam: “(...) minimizar os impactos negativos sobre a natureza e a cultura que possam causar danos ao destino turístico; (...) procurar assegurar-se de que o desenvolvimento turístico não exceda os limites aceitáveis de mudança social e ambiental (...)” (TIES, citado por DIAS, 2003, p. 111). Como é sobejamente sabido, a facilitação do acesso para grandes grupos de visitantes provoca pressão sobre ambientes frágeis, potencializando impactos negativos sobre esses atrativos turísticos.

Por outro lado, se, aliado a uma presença maciça, o comportamento dos turistas frente aos espaços visitados deva ser considerado como um fator que impõe riscos (STANKEY *et al.*, 1985), é preciso ter em conta que as atividades de educação ambiental podem ser elemento fundamental para a minimização de impactos. Contudo, apesar de haver um receptivo com funcionários e equipamentos de audiovisual a serviço dos visitantes da Fazenda Pratinha, as informações prestadas dizem mais respeito à localização e importância cênica dos atrativos que à formação socioeducativa.

Como resultado dessa tendência à massificação, os atrativos são *locus* de práticas turísticas que, mesmo sendo realizadas próximas à natureza, não condizem com o caráter ecoturístico apregoado. A presença maciça de turistas (Figura 2a), a implantação e uso de estruturas, mobiliários e equipamentos não harmônicos em relação ao ambiente circundante (Figura 2b), a ausência de aplicação clara, objetiva e inteligível

de métodos de educação ambiental – conforme reportado anteriormente – e o não monitoramento dos impactos ou do comportamento dos turistas (ao menos durante todo o período de visita realizado por este autor, não foi possível identificar a realização de tal ação) evidenciam um distanciamento entre as práticas turísticas e a retórica ostensivamente exposta no portal de entrada da propriedade.

**Figura 2 - Vista parcial (a) da Pratinha e (b) bares em área de banho (Iraquara)**



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Importante mencionar que a presença maciça de turistas não é uma exclusividade da Fazenda Pratinha. Tanto na Gruta da Lapa Doce, em Iraquara, quanto no Ribeirão do Meio, em Lençóis (Figura 3), mas também na Cachoeirinha e Serrano (Lençóis), foi possível observar grandes grupos de turistas. Vale destacar, porém, que, a Gruta da Lapa Doce foi o único dos atrativos visitados onde se pôde perceber alguma forma de monitoramento das práticas turísticas, materializada, neste caso, pela existência de equipamentos de medição de temperatura na parte interna da gruta, cuja função, segundo um dos guias, é produzir dados para o plano de manejo daquele complexo cárstico, trabalho ora realizado por profissionais do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo.

**Figura 3 - (a) Gruta da Lapa Doce (Iraquara) e (b) Ribeirão do Meio (Lençóis)**



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Outro aspecto que aqui se fará um destaque é, em geral, um tema negligenciado nos estudos e pesquisas que versam sobre o turismo (SOUZA, 2016), mesmo naqueles trabalhos que assumem um viés crítico de análise: o (não) protagonismo da comunidade receptora em sua relação com o mundo do trabalho. Conforme apontado por Meliani (2015, p. 98):

Apesar de sua importância estratégica para governos e empresas, o trabalho no turismo apresenta um caráter de desvalorização e precariedade que (...) traz consigo uma série de custos sociais aos lugares (como perda de arrecadação pública) e aos trabalhadores (como a ausência de direitos legais, distanciamento da cidadania e alienação do trabalho e do espaço).

As observações realizadas e conversas informais com alguns dos trabalhadores locais corroboram a afirmação de Paulo Fernando Milani ao revelarem que há uma predominância de relações precarizadas e atividades informais (Figura 4), mesmo entre os guias, que, em Lençóis, especificamente, possuem relativa organização associativa.

**Figura 4 - Comércio informal na (a) Cachoeirinha e (b) Serrano (Lençóis)**



Fonte: acervo do autor (2019).

O comércio informal, conforme observado nos atrativos mencionados, é revelador, ainda, de outros aspectos contraditórios em relação às práticas turísticas locais e os discursos que as substantivam, considerando que, segundo TIES (citado por DIAS, 2003, p. 111), são princípios do ecoturismo a busca por meios de “(...) acentuar a importância do negócio responsável, que trabalha de forma cooperativa (...)” e “empenhar-se em maximizar os benefícios econômicos para a população anfitriã, os

negócios e a comunidade local (...)”. A informalidade, extremamente comum em espaços apropriados pelo turismo de massa, é uma realidade que se impõe nesses espaços de relevante interesse natural, evidenciando uma faceta perversa do planejamento e gestão do turismo descompromissados com o desenvolvimento local e protagonismo comunitário, além de ser geradora de formas óbvias de impactos ambiental, pelo descarte inadequado dos resíduos produzidos, e estético, graças às estruturas provisórias e não harmônicas quanto à paisagem circundante.

Em síntese, é possível afirmar que aspectos como os que foram aqui abordados somam-se a outros – não mencionados neste ensaio, mas facilmente verificáveis empiricamente – e contribuem para formar um todo contraditório do (eco)turismo na Chapada Diamantina. A estratégia de acionar uma retórica preservacionista para mobilizar práticas que não estão coadunadas a esse (poderoso) discurso, serve, tão somente, para fomentar o crescimento do número de visitantes, mas gera como dano colateral – no sentido que Bauman (2013) atribui ao termo – a aceleração de processos que, no longo prazo, podem decretar o fim dos espaços ambientalmente frágeis e culturas desprotegidas que ora são explorados ao sabor dos interesses de mercado, com anuência do Estado.

Deste modo, há que se afirmar, com a devida salvaguarda às pontuais iniciativas legítimas de turismo responsável resistentes ao avanço do mercado, que, em geral, o modelo de planejamento e gestão que ora vige na/para a Chapada Diamantina, com sua ênfase no ecoturismo de ocasião, é cínico e autodestrutivo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito consiste em uma abordagem panorâmica, embasada em observações e conversas informais, que busca traçar uma análise crítico-reflexiva, ainda que não conclusiva, das contradições que encerram a retórica do ecoturismo em alguns dos municípios turísticos da Chapada Diamantina, a saber: Lençóis e Iraquara. Neste sentido, o que se pretende é lançar luzes – mas sem lograr deter a palavra última ou ser o vetor de “verdades” inquestionáveis – sobre um tema urgente: o da incompatibilidade/contradição entre o discurso e as práticas turísticas na região aqui abordada, considerando, ainda, a necessidade de superação do paradigma do turismo de massa em espaços de relevante interesse natural.

Há que se considerar, portanto, a urgência da substituição de um modelo de planejamento e gestão do turismo que (re)produz lógicas de massificação – ainda que com algumas demãos de um “verniz verde” – por referenciais outros, que induzam práticas assentadas nos princípios do turismo comunitário (CABANILLA e GARRIDO, 2018) e da economia social e solidária (CORAGGIO, 2011), de modo a estabelecer vínculos entre visitantes e moradores/empreendedores locais que sejam consequentes quanto aos potenciais e limites dos espaços de relevante interesse natural e das formas de reprodução social e cultural desses grupos receptores direta e indiretamente envolvidos com o fazer turístico, atentando, ainda, para o respeito pleno à autonomia e às capacidades de organização e participação coletivas.

Este debate visa, portanto, estimular novos olhares e novas proposições para o turismo em municípios turísticos da Chapada Diamantina que estabeleçam bases mais sólidas para os processos de reprodução econômica e social, tornando-os menos dependentes dos arroubos de um mercado turístico autofágico e que conduzam, em última instância, à consolidação de um modelo de desenvolvimento localmente situado (ALONSO e BELL 2013), solidário e equilibrado, superando, assim, o paradigma atual,



este que não admite espaço para as diferenças e, de muitas formas, contribui para a permanência e ampliação das desigualdades.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Ambiguidades e contradições no discurso de naturofilia e nas práticas turísticas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 18, p. 77-86, 2008.

ALONSO ALEMÁN, Alodia María; BELL HEREDIA, Rosa Elis. **Desarrollo territorial a escala local**. La Habana: Editorial Universidad de La Habana, 2013.

AOUN, Sabáh. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais**. Desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Territórios do turismo, territórios de todos?** Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil. Curitiba: CRV, 2014.

CARBANILLA VÁSCONEZ, Enrique; GARRIDO CORNEJO, Carlos. **El turismo comunitario en el Ecuador**: evolución, problemática y desafíos. Quito: Universidad Internacional del Ecuador, 2018.

CASCINO, Fábio. Pensando a relação entre Educação Ambiental e Ecoturismo. SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000, p. 189-206.

CEBALLOS, LASCURÁIN, Hector. **Tourism, ecotourism and protected áreas**: the state of nature-based tourism around the world and guidelines for its development. Cambridge: International Union for Conservation of Nature, 1996.

CORRAGIO, José Luis. **Economía social y solidaria**. El trabajo antes que el capital. Quito: Abya Yala, 2011.

MEADOWS, Dennis L. *et alli*. **Os limites do crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MELIANI, Paulo Fernando. Pensando o trabalho no turismo: sobre servilismo e precarização das relações trabalhistas na prestação de serviços turísticos. **Especiaria – Caderno de Ciências Humanas**, v. 14, n. 26, p. 71-93, 2015.

RACHEL, Carson. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2011.

SOUZA, Denise de. O trabalho no turismo como temática nos periódicos científicos associados aos programas Stricto Sensu em Turismo no Brasil. **Turismo & Sociedade**, v. 9, n. 1, p. 1-20, 2016.

STANKEY, George; COLE, David; LUCAS, Robert; PETERSEN, Margaret; FRISSELL, Sidney. **The limits of acceptable change (LAC) system for wilderness planning**. Washington: The United States Department of Agriculture, 1985.

***The rhetoric of ecotourism in counties of Chapada Diamantina:  
a view on Iraquara and Lançóis***

***Abstract***

*Over the last few decades, the tourism has become one of the most important vectors of economical income for some of the small towns that make up the Chapada Diamantina (Diamantine plateau) in Bahia. Thanks to the convergence of factors physical, environmental and historical that resulted not only in beautiful natural sights, but also to the creation of a rhetoric that shows a pretentious harmony in the environment, culture and tourism; this region is one the most visited of the country by Eco tourists. However, it is necessary to consider up to what point the tourist practices observed can uphold the prefix “eco”, considering some of the aspects that differ from, at least in theory, of the Eco touristic principles. In this sense, what is intended by means of this essay is to comprehend, even if partially, how much reliable is the construction of an ecotouristic discourse before the touristic practices done in the Chapada Diamantina.*

**Keywords:** *Ecotourism. Rhetoric. Development. Chapada Diamantina (Bahia, Brazil).*

Artigo recebido em 30/05/2019. Aceito para publicação em 21/11/2019